

12 de março de 1958

Seminário da quarta-feira de 12 de março de 1958

Vocês sabem o que tentamos fazer aqui, nas dificuldades, nos impasses, nas contradições que são o tecido de sua prática - é o mínimo pressuposto de nosso trabalho que se apercebe: tentar trazê-los sempre de novo no ponto em que esses impasses e essas dificuldades possam aparecer em seu verdadeiro alcance, e, de fato, eludi-los em se referindo a estas teorias parciais, e mesmo escamoteações, deslizamentos de sentido nos termos que usam, que são também motivo de todos os alibis.

Na última vez, falamos sobre o desejo e o gozo. Hoje gostaria de mostrar o progresso, num texto de Freud onde ele fala das dificuldades que têm os que o seguem e da maneira com que, quando se tenta entender melhor as coisas, a partir, por sinal, de certas exigências preconceituosas, algo surge, que vai no sentido da dificuldade, e como talvez possamos dar um terceiro passo. Trata-se de Freud, a respeito da posição fálica na mulher, ou melhor, daquilo que ele chama de a fase fálica.

Lembro a que chegamos, que enfatizamos o que significa aquilo que em nossas três ou quatro últimas reuniões começamos a articular, este desejo posto no coração da mediação da experiência analítica. Nós formulamos aqui como resumir, concentrar o que dissemos como uma demanda significada. Eis dois termos que fazem um; da mesma maneira eu peço, eu lhes significo meu pedido, eu lhes significo uma ordem, eu lhes significo uma sentença. Esta demanda, pois, implica o outro, aquele de quem se exige, mas também aquele para quem esta demanda tem um sentido, um outro que, entre outras dimensões, tem a de ser lugar onde este significante tem seu alcance.

Já sabemos: o segundo termo, demanda significada, no sentido em que eu lhes significo algo, lhes significo minha vontade, aí é que está o ponto importante no qual pensamos.

Agora este significado implica no sujeito a ação estrutural do significante constituído em relação à necessidade, em relação a este desejo, numa alteração essencial em relação à necessidade. Esta alteração está constituída por isso, que é a entrada do desejo na demanda.

Eu paro um instante para fazer um parêntese. Até agora, por causa do tempo e da economia, deixamos de lado o sonho, neste ano em que, contudo, estamos falando das formações do inconsciente. Vocês sabem o essencial da afirmação de Freud concernente ao sonho: é que o sonho exprime um desejo. Mas afinal, nem começamos a nos perguntar o que chega a ser este desejo do sonho, se este desejo de que falamos, e há mais de um no sonho, são os desejos do dia que o ocasionam, que dão o material, e todos sabem que o que nos importa é o desejo inconsciente.

Por que, afinal, Freud reconheceu este desejo inconsciente no sonho? Em nome de quê? Em que ele está reconhecido? Aparentemente, não há nada no sonho que corresponda aquilo por que o desejo se manifesta gramaticalmente. Não há texto algum de sonho, a não ser aparentemente, isto é, devendo ser traduzido numa articulação mais profunda. Mas ao nível desta articulação, que é mascarada, oculta, latente, o que distingue, articula? O que o sonho articula? Evidentemente nada, aparentemente.

Notem que, no sonho, afinal, o que Freud reconhece como desejo se assinala pelo nome que lhes digo, pela alteração da necessidade. É na medida em que o que está no fundo está mascarado, articulado em algo que o transforma; que o transforma em quê? Nisto, que isso passa por um certo número de modos, de imagens, que estão aí na qualidade de significantes.

12 de março de 1958

É, pois, pela entrada em jogo de toda uma estrutura, que sem dúvida é a estrutura do sujeito, que deve operar um certo número de insistências.

Mas só conhecemos esta estrutura do sujeito através deste fato, que o que ocorre no sonho está submetido aos modos e às transformações do significante, às estruturas da metáfora e da metonímia, da condensação e do deslocamento. Aqui, o que dá a lei da expressão do desejo no sonho, é a lei do significante. É através de uma exegese daquilo que está particularmente articulado num sonho, que descobrimos algo que é ... o quê? Algo que supomos querer fazer reconhecer, algo que participa de uma aventura primordial, que está aí, inscrito, e que se articula, se nós o reportamos sempre a algo original que aconteceu na infância e que foi recalçado.

É a isso que damos afinal de contas, a primazia de sentido, naquilo que se articula no sonho. É que aí algo se apresenta que é completamente último quanto à estruturação do desejo do sujeito. Podemos desde já articulá-lo, é o desejo, a aventura primordial daquilo que ocorreu em torno de um desejo que é o desejo infantil, seu desejo essencial que é o desejo do desejo do outro, ou o desejo de ser desejado. É o que se marcou, inscrito no sujeito em torno desta aventura, que permanece aí, subjacente, e que dá a última palavra daquilo que, no sonho, nos interessa na qualidade de um desejo inconsciente que se exprime através da máscara daquilo que ocasionalmente terá dado ao sonho seu material, com algo que aqui nos é significado através das condições particulares que a lei do significante impõe sempre ao desejo.

O que eu tento aqui ensinar-lhes é a substituir tudo quanto, na teoria, é mais ou menos confuso porque sempre parcial, isto é, a mecânica, a economia das gratificações, dos cuidados, das fixações, das agressões. Esta noção fundamental da dependência primordial do sujeito em relação ao desejo do outro, daquilo que sempre se estruturou por intermédio deste mecanismo que faz com que o desejo do sujeito seja modelado pelas condições da demanda, inscrito à medida da história do sujeito em sua estrutura, as peripécias, os avatares da constituição deste desejo na medida em que é submetido à lei do desejo do outro, feito, por assim dizer, do mais profundo desejo do sujeito, daquele que permanece suspenso no inconsciente, a soma, a integral, diríamos, deste grande *D*, deste desejo do outro. É isto somente que pode dar um sentido à evolução que conhecem da análise, que terminou por tanto enfatizar esta relação primordial à mãe, ao ponto de parecer eliminar toda a dialética ulterior e até a dialética edipiana.

Aqui há ao mesmo tempo algo que vai num sentido justo e o formula ao lado. Não é somente a frustração como tal, isto é um mais ou menos de real que foi dado ou que não foi dado ao sujeito, que é o ponto importante. É aquilo em que o sujeito visou, avistou este desejo do outro e que é o desejo da mãe, e em relação a este desejo, é fazê-lo reconhecer, ou passar, ou oferecer para se tornar, em relação a algo que é um *X* de desejo na mãe, para se tornar ou não aquele que responde, o ser desejado.

Isto é essencial, pois negligenciando-o enquanto aproximando-o, penetrando tão perto quanto possível por vias de início tão próximas quanto possível do acesso àquilo que ocorre na criança, vocês sabem, Mélanie Klein descobriu muitas coisas; mas ao formulá-lo simplesmente, se assim se pode dizer, na confrontação do sujeito, da criança à personagem materna, ela chega a esta espécie de relação verdadeiramente especular, em espelho, que faz com que o corpo, se assim se pode dizer, pois já é muito marcante, isto está no primeiro plano, o corpo materno se torna de certa forma o recinto e a moradia daquilo que pode se localizar nela, se projetar nela das pulsões da criança, sendo estas pulsões motivadas pela agressão de uma decepção fundamental. E afinal de contas, nada nesta dialética pode nos tirar

12 de março de 1958

de um mecanismo de projeção ilusória, de uma construção do mundo a partir de uma espécie de auto-gênese de fantasmas primordiais; a gênese do exterior enquanto lugar do mau resto puramente artificial submete de alguma forma toda acesso ulterior à realidade, a uma pura dialética de fantasia.

Para completar esta dialética kleiniana, é preciso introduzir esta noção de que, para o sujeito, o exterior é dado primeiro, não como algo que se projeta de seu interior, de suas pulsões, mas como o lugar onde se situa o desejo do outro e aonde o sujeito deve ir encontrá-lo.

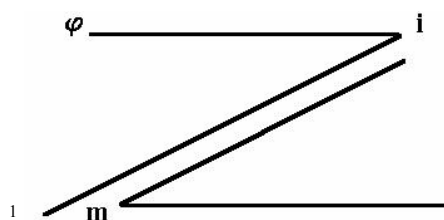
Isto é essencial, e é a única via por onde podemos encontrar a solução das aporias que esta via kleiniana gera, que se mostrou tão fecunda por muitos lados, mas que termina fazendo esvanecer, desaparecer completamente, ou a reconstruir, de uma maneira de certa forma implícita, quando ela mesma não se apercebe, mas de uma maneira igualmente ilícita, porque não motivada, a dialética primordial do desejo tal qual Freud a descobriu, que está numa relação terceira, a saber, aquela que faz intervir além da mãe, a ver através dela, a presença da personagem desejada ou rival, mas da personagem terceira que é o pai.

Afinal de contas, é aqui que se justifica o esquema que eu tentava lhes dar, dizendo que é preciso colocar a tríade simbólica fundamental, a saber, a mãe, o filho e o pai, na medida em que a ausência da mãe ou sua presença oferece à criança - aqui posta como termo simbólico simplesmente pela introdução da dimensão significante - oferece à criança, não é o sujeito, é só pela introdução do significante ou do termo simbólico, que a criança será ou não uma criança demandada¹.

E este terceiro termo essencial que é de certa forma o que permite tudo isso ou o proíbe, ou que se coloca além desta ausência ou presença da mãe enquanto sentido, presente, significante, aquilo que lhe permite ou não se manifestar. É em relação a isso que, assim que a ordem significante entra em jogo, o sujeito deve se situar, o sujeito lhe estende sua vida concreta e real, evidentemente em algo que desde já comporta desejos no sentido imaginário, no sentido da captura, no sentido em que imagens o fascinam, no sentido em que em relação a estas imagens ele deve se sentir como *eu [mã]*, como centro, como mestre ou como dominado por esta relação imaginária onde, vocês sabem, no homem representa com uma ênfase primordial a imagem de *si [sã]*, a imagem do corpo que vem, de alguma forma, dominar tudo.

Evidentemente esta eletividade da imagem do homem é algo profundamente ligado ao fato de que ele está aberto a esta dialética do significante de que falávamos. Aí, a redução, se assim se pode dizer, da imagem cativante a esta imagem central, fundamental da imagem do corpo, não está sem ligação com esta relação fundamental do sujeito à tríade significante. Mas esta relação à tríade significante introduz este terceiro termo para o sujeito, este terceiro termo pelo qual o sujeito, além desta relação dual, relação de cativação à imagem, o sujeito, se assim posso dizer, pede para ser significado.

É por isso que no plano do imaginário há três pólos, assim como na constituição minimal do campo simbólico além de *eu [mã]* e de minha imagem, pelo fato de que devo entrar nas



12 de março de 1958

condições do significante, há um ponto, algo que deve marcar que meu desejo deve ser significado, na medida em que ele passa, necessariamente, por uma demanda que signifique no plano simbólico. Em outras palavras, há a exigência de um símbolo geral desta margem, desta falta fundamental necessária para introduzir meu desejo no significante, para fazer com ele o desejo com o qual eu lido na dialética analítica, este símbolo, aquilo por que o significado é designado, posto que é sempre significado, alterado, e até significado ao lado.

É isso que constatamos no esquema que lhes dou. Isto está no sujeito no nível do imaginário. Aqui sua imagem, aí o ponto onde se constitui o *a* [*ma*]. É isso que eu designo aqui pela letra *a*, na medida em que ela é o *falo*. É impossível deduzir a função constituinte do falo na qualidade de significante em toda a dialética da introdução do sujeito em sua existência pura e simples e em sua posição sexual, se não considerarmos isto, que ele é o significante fundamental pelo qual o desejo do sujeito deve se fazer reconhecer como tal, quer se trate do homem ou se trate da mulher. Isto se traduz naquilo que, qualquer que seja o desejo, é preciso que ele tenha no sujeito esta referência, é o desejo do sujeito, sem dúvida, mas na medida em que o próprio sujeito recebeu sua significação, que o sujeito, em seu poder de sujeito, deve receber este poder de um signo, e que ele só obtém este signo mutilando-se de algo pela falta da qual tudo terá valor.

Isto não é coisa deduzida, é dado pela experiência analítica, é o essencial da descoberta de Freud, é o que faz com que Freud, ao escrever em 1931 *Female Sexuality*, afirme este algo que sem dúvida, no início é problemático, insuficiente, que pede uma elaboração que chama as respostas de todas as psicanalistas, de início femininas, Hélène Deutsch, Karen Horney, muitas outras, e Mélanie Klein e J. Muller, e, resumindo tudo isso e articulando-o de uma maneira que parece mais ou menos compatível com a articulação de Freud, Jones responde a tudo isso. É o que vamos examinar hoje.

Tomemos a questão no ponto onde é mais paradoxal. O paradoxo se apresenta primeiro, se assim se pode dizer, no plano de uma espécie de observação natural. É como naturalista que Freud nos diz. O que minha experiência me mostra é que também na mulher, não somente no homem, este falo do qual no homem ele nos mostrou em conformidade com a fórmula geral que eu tentava há pouco de lhes dar, a introdução no homem do sujeito na dialética que vai lhe permitir tomar lugar nesta transmissão dos tipos humanos, se tornar por sua vez o pai, que nada se realizará sem o que chamei há pouco de esta mutilação fundamental graças a que o falo vai se tornar o significante do poder, o significante, o cetro, mas também este algo graças a que esta virilidade poderá ser assumida.

Evidentemente até agora entendemos Freud. Mas ele vai mais longe e nos mostra como no centro desta dialética feminina o mesmo falo se produz.

Aqui algo parece se escancarar, na medida em que até agora é em termos de luta, de rivalidade biológica que, a rigor, podemos entender a introdução do homem pelo complexo de castração, em sua ascensão à qualidade de homem. Na mulher, isto apresenta um paradoxo e Freud o diz pura e simplesmente como um fato de observação: o que parece coincidir também com algo que se apresentaria pois, como tudo quanto é observado, como fazendo parte da natureza, como natural. É assim, com efeito, que ele parece nos apresentar as coisas quando diz que tanto a menina quanto o menino, primeiro deseja a mãe: digamos as coisas como estão escritas. Só há uma maneira de desejar. A menina crê ser provida dum falo, como também ela crê que sua mãe seja provida de um falo e o que isto significa é que a evolução natural das pulsões faz com que, de transferência em transferência através das fases instintuais, seja a algo que tem a forma do seio por intermédio de um certo número de outras formas, que ela chega

12 de março de 1958

a este fantasma fálico por onde afinal de contas é em posição masculina que a menina se apresenta em relação à mãe, e que algo complexo, mais complexo para ela que para o menino, deve intervir para que ela reconheça sua posição feminina. Na articulação de Freud ele é suposto, não por nada que seja no princípio, marcado no início, este reconhecimento da posição feminina.

Isto não é um paradoxo pequeno, nos propor algo tão contrário à natureza, que nos sugeriria que por uma espécie de simetria, em relação à posição do menino, é como vagina, como disse alguém, como boca vaginal. Temos observações que nos possibilitam até afirmar, e eu diria contra os dados freudianos, que há experiências primitivas vividas cuja marca primordial no jovem sujeito podemos reencontrar, e que mostram, ao contrário da afirmação deste desconhecimento primitivo, que algo pode ser movido por reação no sujeito, no momento da operação de alimentação, quero dizer na menina ainda no seio, que mostra alguma emoção, evidentemente vaga, mas que é legítima, não imotivada, relacioná-la a uma emoção corporal profunda que é difícil localizar através das lembranças, mas que permitiria a equação por uma série de transmissões da boca, da alimentação à boca vaginal, como por outro lado ao estado acabado, desenvolvido, da feminilidade, esta fundação de órgão absorvente, ou sugador, é algo visível na experiência, que forneceria de alguma forma, a continuidade por onde, se só se tratasse de uma migração, se assim se pode dizer, da pulsão erógena, veríamos traçada, se assim se pode dizer, a via real da evolução da feminilidade no nível biológico, e isso é este algo de que Jones se faz o advogado e o teórico, quando ele pensa que, por toda sorte de razões de princípio, é impossível admitir que a evolução da sexualidade na mulher seria algo destinado a este rodeio e a este artificialismo.

Numa teoria que se opõe ponto por ponto àquilo que Freud nos articula como um dado da observação, ele nos propõe a fase fálica da menina como repousando sobre uma pulsão que ele explica e cujos apoios naturais ele demonstra em dois elementos: o primeiro é o princípio da bissexualidade biológica primordial, mas, deve-se dizê-lo, puramente teórica, longínqua, e da qual pode se dizer com Jones que afinal, ela fica bastante distante de nosso acesso.

Mas há outra coisa, a presença do início do órgão fálico, do órgão clitoridiano dos primeiros prazeres, ligado na menina à masturbação clitoridiana, e que pode ser de alguma forma, o início do fantasma fálico de que Freud diz ter um papel decisivo. E é com efeito o que Freud faz: a fase fálica é uma fase clitoridiana, o pênis fantasmático é uma exageração do pequeno pênis que a anatomia feminina efetivamente dá.

É nesta decepção, e na saída gerada por esta decepção, deste rodeio, todavia, fundado para ele num mecanismo natural, que Freud nos dá a mola da entrada da menina em sua posição feminina, e é naquele momento, diz, que o complexo de Édipo desempenha o papel normativo que deve desempenhar essencialmente, mas o desempenha da maneira inversa na menina e no menino. O complexo de Édipo lhe dá acesso a este pênis que lhe falta, por intermédio da apreensão do pênis do macho, quer ela o descubra em algum companheiro, quer ela o situe, ou ela o descubra igualmente no pai.

É por intermédio de alguma decepção, desilusão de algo nela, em relação a esta fase fantasmática da fase fálica, que a menina é introduzida no complexo de Édipo, como o teorizou uma das primeiras analistas seguidoras de Freud, a senhora Lampl-de-Groot. Ela o notou muito justamente: a menina entra no complexo de Édipo pela fase inversa do complexo de Édipo: ela se apresenta primeiro no complexo de Édipo numa relação à mãe; é no fracasso desta relação à mãe que ela encontra a relação ao pai, com aquilo que depois para ela será

12 de março de 1958

assim normativado pela equivalência, primeiro, deste pênis que nunca possuirá, com o filho. Ela poderá com efeito ter, ela poderá dar em seu lugar.

Observemos aqui um certo número de referências e em relação àquilo que lhes ensinei a distinguir, este *penis-neid* que é aqui a articulação essencial da entrada da mulher na dialética edípiana; este *penis-neid* que como tal e, pois, como a castração no homem, se encontra no coração desta dialética, que provavelmente através das críticas que vou formular em seguida às que Jones trouxe, vai ser posta novamente em questão e evidentemente, do exterior, parece, quando se começa a abordar a teoria analítica, que ela se apresenta como algo artificial.

Detenhamo-nos um instante, primeiro para sublinhar o que convém fazer, com que ambigüidade usada através das diversas fases desta evolução edípiana na menina, isto - a discussão de Jones o aponta como *penis-neid*. O que é?

Há três modos nesta entrada e nesta saída do complexo de Édipo, que Freud nos mostra em torno da fase fálica.

Há *penis-neid* no sentido do fantasma, a saber, este voto, esta aspiração, por muito tempo guardado, às vezes por toda vida, e Freud insiste bastante sobre o caráter irreduzível deste fantasma quando é ele que se mantém no primeiro plano: este fantasma que o clitóris seria um pênis. É um primeiro sentido do *penis-neid*.

Há outro sentido: *penis-neid* tal como ele intervém quando é o pênis do pai que é desejado, isto é, no momento em que o sujeito vê na realidade do pênis o ponto aonde ir buscar a posse do pênis, que o Édipo é não só a situação proibida, mas a impossibilidade fisiológica de que a situação, o desenvolvimento da situação a frustrou. Há também a função desta evolução que faz surgir na menina este fantasma de ter um filho do pai, isto é, de ter este pênis sob uma forma simbólica.

Lembrem-se agora do que lhes disse a respeito da castração, da distinção entre castração, privação e frustração.

Nestas três formas, qual delas corresponde a cada um destes termos?

Eu o disse: uma frustração é algo imaginário concernindo a um objeto real. É justamente por isso que o fato de a menina não receber o pênis do pai é uma frustração.

Uma privação é algo completamente real que concerne a um objeto simbólico, a saber, quando a menina não tem filho do pai; afinal, nunca se tratou de ela ter um. Ela é incapaz de ter um. O filho, aliás, só é um símbolo, símbolo precisamente daquilo de que ela está frustrada realmente, e é como privação que este desejo do filho do pai intervém num momento da evolução.

Fica, pois, o que corresponde à castração, a saber, aquilo que simbolicamente amputa o sujeito de algo imaginário, e, no caso de um fantasma corresponde bem. De qualquer modo, Freud aqui está na linha justa, quando diz que a posição da menina em relação a seu clitóris, é que num certo momento, ela deve renunciar a ele, pelo menos da maneira como ela o conservava como esperança, a saber, que mais cedo ou mais tarde, ele se tornaria algo tão importante quanto um pênis.

É neste nível que se encontra o correspondente da castração, estruturalmente, se se lembram daquilo que pensei dever articular quando falei da castração, no ponto eletivo onde se manifesta, isto é, no menino.

12 de março de 1958

Pode-se discutir que, na menina, tudo gira em torno da pulsão clitoridiana, pode-se sondar os rodeios da aventura edipiana. Como vocês vão ver agora, a coisa se faz através das críticas de Jones. Mas não podemos deixar de notar, no início, o rigor, do ponto de vista estrutural, do ponto que Freud nos designa como correspondente da castração. É algo que deve estar no nível daquilo que ocorre, que pode ocorrer como relação a um fantasma, na medida em que esta relação a um fantasma tem valor significativo. É neste ponto que deve se encontrar o ponto simétrico.

Agora trata-se de entender como isto ocorre. Não é porque este ponto é utilizado, que é ele que nos dá a chave de todo o assunto. Aparentemente ele a dá em Freud, que parece nos dar uma história de anomalia pulsional, e é isso que vai revoltar, que vai fazer um certo número de sujeitos se insurgirem, precisamente por causa de preocupações biológicas. Mas vocês vão ver o que, na articulação de suas objeções, eles chegam a dizer. Pela natureza das coisas, eles são forçados a articularem um certo número de pontos que vão nos permitir dar um passo para a frente, entender bem do que se trata, ir além da teoria da pulsão natural, ver que o falo intervém naquilo que lhes disse no início, naquilo que posso chamar de as premissas da lição de hoje, e que nada mais é que repetição daquilo que acabamos de ver, por outras vias, a saber, que o falo intervém aqui na qualidade de significativo.

Mas venhamos agora à resposta, à articulação de Jones. Há três artigos importantes de Jones a respeito. Um se chama *Early Fernal Sexuality* escrito em 1935 e sobre o qual vamos falar hoje, que havia sido precedido pelo artigo sobre a *Phallic Phase*, apresentado no Congresso de Innsbrück oito anos antes (setembro de 1927) e enfim *Early Development of Fernal Sexuality*.

É a este último que Freud, em seu artigo de 1931, alude, quando em algumas linhas, ele refuta, e devo dizer, mui desdenhosamente, as posições tomadas por Jones. Jones responde na *Phallic Phase* e tenta responder e articular sua posição, como Freud, e esforçando-se para permanecer o máximo possível fiel ao texto. O terceiro artigo sobre o qual vou me apoiar hoje é extremamente significativo para aquilo que queremos demonstrar. Ele é também o ponto mais avançado da articulação de Jones, ele se situa em 1935, quatro anos após o artigo de Freud sobre a sexualidade feminina. Ele foi pronunciado a pedido de Federn, que naquela época, era vice-presidente, ou presidente da sociedade vienense, e foi em Viena que foi trazido para propor ao círculo vienense o que Jones já formulou simplesmente como sendo o ponto de vista londrino, isto é, o que está centrado em torno da experiência londrina.

Jones diz que convém abordar pela experiência que é a única, a dos londrinos, opor, e ele faz suas oposições da maneira mais clara, o que torna a exposição mais pura, mais clara, mais apta à discussão. Ele faz um certo número de ressalvas, e é necessário deter-se nelas, acompanhando o texto o mais perto possível.

Primeiro deve-se notar que a experiência mostra que é difícil, quando se aproxima da criança, agarrar esta pretendida posição masculina que seria a da menina na fase fálica em relação à sua mãe. Quanto mais remontamos em direção à origem, tanto mais somos confrontados com algo, aí, crítico. Peço desculpas se, seguindo este texto, nos encontrarmos diante de um certo número de objetos, em relação à linha que tento desenhar, em posições às vezes um pouco laterais, mas que valem ser notadas por causa daquilo que revelam.

As suposições de Jones, eu o digo logo, estão essencialmente dirigidas para algo que ele articula claramente no fim do artigo: uma mulher é um ser *born*, isto é, nascido com tal, como mulher, ou é um ser *made*, fabricado como mulher? É lá que ele situa sua interrogação. É isso que o faz se insurgir contra a posição freudiana.

12 de março de 1958

Há dois termos que de certa forma vão ser o ponto para o qual avança seu caminhamento, algo saído de uma espécie de resumo dos fatos que na experiência com criança permite, seja fazer objeção, seja, às vezes, confirmar, mas em todos os casos, corrigir a posição freudiana.

Mas o que anima toda sua demonstração é a questão que ele faz no fim, uma espécie de sim ou de não, que para ele é absolutamente redibitória de uma escolha possível. Em sua perspectiva não pode haver uma posição tal que metade da humanidade seja feita de seres que de certa forma seriam *mde* isto é, fabricados no desenrolar edipiano.

Ele não parece notar que o desfilar edipiano, afinal de contas, não deixa de fabricar homens, se for disso que se trata. No entanto, o fato de que as mulheres entram nele, com uma bagagem que, afinal, não é a sua, constitui para ele uma diferença suficiente com o rapaz para que reivindique algo que em sua substância, vai consistir em dizer: é verdade que nós observamos na mulher, na menina, num determinado momento de sua evolução, algo que representa esta colocação no primeiro plano, esta exigência, este desejo que se manifesta sob a forma ambígua do *penis-neid* e que para nós é tão problemática.

Mas o que é? É nisso que vai se constituir tudo quanto ele vai nos dizer. É uma formação de defesa, um rodeio, é algo, explica, comparável a uma fobia, e a saída da fase fálica é essencialmente algo que deve se conceber como a cura de uma fobia que seria em suma, muito geralmente difundida, uma fobia normal, mas essencialmente da mesma ordem e do mesmo mecanismo.

Vocês estão vendo que, já que escolhi pular no cerne de sua demonstração, há aí algo que para nós é extraordinariamente propício para nossa reflexão na medida em que, se ainda se lembrarem, da maneira como tentei explicar, articular a função da fobia.

Se a relação da menina ao falo deve ser concebida assim, estamos nos aproximando da concepção que estou tentando lhes dar, a saber, que é a título de um elemento significante privilegiado, que intervém no Édipo a relação da menina ao falo.

Quer isto dizer que vamos concordar com Jones? Certamente não. Se se lembrarem da diferença que eu fiz entre fobia e fetiche, diremos antes que aqui o falo desempenha o papel de fetiche e não de fobia. Mas voltaremos mais tarde sobre isto.

Retomemos a entrada de Jones em sua crítica, sua articulação, e digamos de onde ele parte, de onde esta fobia vai se constituir. Para ele, esta fobia é uma construção de defesa contra algo, contra o perigo gerado pelas pulsões primitivas da criança, da criança que aqui ele acompanha ao nível da menina, mas que neste nível se encontra na mesma posição e que tem o mesmo destino do menino. Mas aqui se trata da menina e ele nota, pois, que originalmente a relação da criança - e é sobre isso que me detive há pouco, dizendo que iríamos encontrar coisas totalmente singelas - à mãe, é uma posição masculina primitiva. Ele diz: *Ela está longe de ser como um homem é para com uma mulher, como um homem considera uma mulher*, isto é, como uma criatura da qual aceita ou recebe os desejos, como um ser a aceder aos seus desejos, sendo um prazer satisfazê-los.

Deve-se reconhecer que, trazer a este nível uma posição tão elaborada das relações do homem e da mulher, é no mínimo, paradoxal. É certo que quando Freud fala da posição masculina da menina, ele não fala deste efeito mais alcançado, se tanto é que seja verdadeiramente atingido, da civilização onde o homem está presente para satisfazer todos os desejos da mulher. Mas sob a pena de alguém que se adianta neste campo com pretensões tão naturalistas no início,

12 de março de 1958

não podemos deixar de notar isto, como eu diria, uma das dificuldades do terreno, para que ele chegue a topar até este ponto em sua demonstração, e isto fica logo no início de sua demonstração, isto é, para opor a isso a posição da criança, e sem dúvida com toda razão, não, pois, como um homem aqui, mas se trata da mãe tal como a criança a considera.

Aí vocês reconheceram o pote de leite da mãe como a criança tal como faz Mélanie Klein, a saber - traduzo Jones - como uma pessoa que tem sido o sucesso. Este *sucessfull* tem todo seu alcance porque implica no sujeito materno este algo, e Jones não o nota, que calcando as coisas sobre o texto daquilo que se encontra na criança, é efetivamente de um ser desejante que se trata. É a mãe, posto que foi bastante feliz para conseguir preencher ela mesma só com as coisas que a criança deseja tão ardentemente, a saber, com este material regozijante das duas espécies de coisas sólidas e líquidas.

Não se pode desconhecer que só ao se imaginar que numa experiência primitiva da criança, a saber, aquela à qual se tem acesso de longe, com binóculos, mas aproximando-se o mais possível do lugar, analisando crianças de três e quatro anos, o que Mélanie Klein faz, quando já descobrimos uma relação ao objeto que está estruturado sob esta forma que chamei de o império do corpo materno, que algo de que vocês acham a respeito daquilo que Melanie Klein chama, em suas contribuições, de o Édipo ultra-precoce da criança, com os desenhos que ela nos dá, este algo que chamei de o campo do império materno, com o que ele comporta no interior daquilo que chamei, por uma referência à história chinesa, de os reinos combatentes, com o que ela nos mostra que a criança é capaz de desenhar no interior que ela referencia como significantes, os irmãos, as irmãs, os excrementos, tudo quanto coabita neste corpo materno, com o que, além do mais, tudo já está no interior do corpo materno. O que ela nos permite distinguir, o que a dialética do tratamento permite efetivamente articular como sendo o falo paterno, a saber, este algo que desde já estaria introduzido lá ao mesmo tempo como um elemento particularmente nocivo e particularmente rival em relação às exigências desta criança, exigências de possessão, em relação ao conteúdo deste corpo. Parece-nos muito difícil ver aí outra coisa que não dados que acusam, que aprofundam para nós o caráter problemático destas relações pretendidas naturais, porque nós não as vemos desde já estruturadas, o que chamei na última vez por toda uma bateria significativa mostrando já uma relação com ela que está articulada de tal maneira que nenhuma relação biológica materna possa verdadeiramente motivá-las.

E também o próprio fato de que Mélanie Klein introduza na dialética da criança, a saber, naquilo que faz a entrada em jogo do falo ao nível desta experiência primitiva, esta referência verdadeiramente dada por ela como, de alguma forma, lida naquilo que a criança oferece mas que não deixa por isso de ser bastante estupefaciente, a introdução do pênis como sendo um seio mais acessível, mais prático e de alguma maneira mais perfeito, eis algo para ser admitido como um dado da experiência.

Evidentemente, isto está dado, isto é válido. Mas nem por isso é algo óbvio, por assim dizer; não é algo que nos permita perguntar o que é que pode tornar este pênis algo, efetivamente, mais acessível, mais cômodo, mais gozante que o seio primordial. É a questão daquilo que significa o pênis, a saber, pela implicação, desde já, e por intermédio de quê? É isso que vai ser posto em questão, a saber, a introdução da criança numa dialética significativa.

Toda a demonstração de Jones, aliás, continua perguntando, na medida em que explica que a menina, após ter tido possivelmente, ele não o diz, mas isso é exigido pelos próprios dados de sua partida, ele diz simplesmente isto, que o falo só pode intervir como meio e álibi de uma espécie de defesa. Ele propõe, pois, que na origem, é em relação a uma certa apreensão

12 de março de 1958

primitiva do próprio órgão feminino, que a menina está libidinalmente interessada. Mas ele vai tentar explicar por que esta apreensão de sua vagina deve ser recalçada. Claro, ele diz que isto é de natureza a evocar a relação da criança feminina com seu próprio sexo, ansiedade maior que aquela do menino em relação a seu sexo, porque o órgão está mais interior, mais difuso, mais profundamente a fonte adequada, própria para estes primeiros movimentos. O clitóris só desempenhará, pois, diz ele, - tenho certeza que ele diz isso para mostrar as necessidades implicadas naquilo que articula de maneira bastante ingênua, a saber, que o clitóris, na medida em que é exterior, serve para que se projetem sobre ele as angústias, não está mais alhures, facilmente objeto para tranquilizar por parte do sujeito, a saber, que poderá provar, por exemplo, por suas próprias manipulações, ou mesmo pela visão, o fato de que ele continua presente.

É o que Jones quer dizer. E manifestará que em seguida, sempre será em direção a objetos exteriores, mais externos, a saber, em direção à sua aparência, a seu vestuário, que a mulher, na continuação de sua evolução, levará o que ele chama de a necessidade de re-tranquilização, este algo deslocado, em outras palavras, na angústia que permite temperá-la, diminuí-la, fazendo atuar seu objeto sobre algo que não é o ponto cuja origem é desconhecida.

Vocês vêem, mais uma vez e mostramos aqui a necessidade implicada que, diz Jones, seja a um título de algo exteriorizável, de representável, que venha a primeiro plano o falo, a título de elemento, de termo limite, de ponto onde a ansiedade pára, e evidentemente, isso é sua dialética. Vamos ver se ela é suficiente. É por esta dialética que ele admite que esta fase fálica deve ser apresentada como uma posição fálica, como algo que permita à criança afastar, centrando-as sobre algo acessível, os medos, as angústias de retorsão em que seus próprios desejos orais ou sádicos serão levados para o interior do corpo da mãe, e que lhe aparecerão logo em seguida como um perigo capaz de ameaçá-la, ela mesma, no interior de seu próprio corpo.

Tal é a gênese que Jones dá daquilo que chama de posição fálica enquanto fobia. É enquanto órgão fantasmado, mas exteriorizado, acessível, que o falo entra em jogo, que em seguida, aliás, é capaz de desaparecer do palco, porque os medos ligados à hostilidade poderão ser temperados, transferidos alhures, sobre outros objetos que não a mãe, por exemplo, que a erogencidade, que a ansiedade, na medida em que estão ligadas aos órgãos profundos, também poderão, pelo processo de exercícios masturbatórios, poderão se deslocar e que, afinal de contas, diz, a relação se tornará menos parcial ao objeto feminino, que poderá se deslocar sobre outros objetos, em seguida a angústia, em suma, inominável, angústia original ligada ao órgão feminino, o que na menina é o correspondente da angústia da castração no menino, poderá em seguida variar por este medo de ser abandonada que, segundo Jones, se tornará mais característica da psicologia feminina.

Eis o que temos diante de nós. Para resolvê-lo, vejam a posição de Freud, posição de observador, que se apresenta, pois, como observação natural, a ligação à fase fálica é de natureza pulsional. A entrada na feminilidade se faz a partir de uma libido que, por sua natureza é ativa, para colocar as coisas em seu ponto exato, e não na crítica um tanto caricatural que Jones faz. Ela chegará à posição feminina na medida em que esta posição decepcionada conseguirá, por uma série de transformações e de equivalências, fazer do sujeito uma demanda, e aceita de muitos outros que é a personagem paterna, algo que virá satisfazer seu desejo.

Afinal de contas, o pressuposto, por sinal plenamente articulado por Freud, é que a exigência primordial infantil é, diz, sem finalidade. O que exige, é tudo. E é pelo desapontamento, se

12 de março de 1958

assim se pode dizer, desta exigência, por sinal impossível de satisfazer, que a criança entra pouco a pouco numa posição mais normativa.

Aqui há algo que, por mais problemático que seja, comporta esta abertura que vai nos permitir articular o problema nos termos de desejo e de demanda, que são aqueles sobre os quais eu tento pôr ênfase.

A isto, Jones responde: Eis uma história natural, uma observação de naturalista, que não é tão natural assim, e eu vou torná-la mais natural.

Ele diz, formalmente, que a história da fobia fálica não é senão um rodeio na passagem de uma posição desde já determinada. A mulher é *born*, ela nasceu como tal, numa posição que é a de boca, de boca absorvente, de boca sugadora. Após a redução de sua fobia, ela vai reencontrar aquilo que não passa de um simples rodeio em relação a sua posição primitiva. Aquilo que vocês chamam de pulsão fálica é pura e simplesmente artificialismo de uma fobia contra-descrita, evocada na criança por sua hostilidade e sua agressão para com a mãe. Só há nisso um puro rodeio, num ciclo essencialmente instintual, e em seguida a mulher entrará de pleno direito em sua posição, que é uma posição vaginal.

Para responder a isto, tento articular que o falo é absolutamente inconcebível na dinâmica, na mecânica kleiniana, a não ser como implicado desde já como sendo o significante da falta, o significante desta distância da demanda do sujeito a seu desejo, que faz com que, para que este desejo seja alcançado, sempre deve ser feita uma certa dedução desta entrada no ciclo significante, que se a mulher deve passar por este significante, por mais paradoxal que ele seja, é na medida em que se trata para ela, não pura e simplesmente de realizar uma espécie de dado primitivo de uma posição pura e simplesmente fêmea, mas de entrar numa dialética que é afastada no homem pelo fato da existência de significantes, por todos os interditos que se constituem na relação do Édipo; em outras palavras, fazê-la entrar no ciclo das trocas da aliança e do parentesco, isto é, se tornar, ela mesma este objeto de intercâmbios.

O fato de que tudo quanto está demonstrado efetivamente, por toda e qualquer análise correta daquilo que estrutura, na base, esta relação edípica, é que a mulher deve se propor, ou melhor, se aceitar como um elemento deste ciclo das trocas dos intercâmbios, é algo que tem em si algo infinitamente maior do ponto de vista natural, que tudo quanto podemos ter notado até agora como anomalias em sua evolução instintiva, e que a este título, justifica que devemos encontrar algumas no nível imaginário, no nível do desejo, uma espécie de representação no fato das vias desviadas por onde ela mesma deve entrar.

O que pontua nela este fato de dever - como o homem aliás - se inscrever no mundo do significante, é esta necessidade para com um desejo, para com algo que, na qualidade de significado, deverá sempre ficar a certa distância, a uma certa margem, posto que seja o que possa se relacionar com uma necessidade natural, na medida em que, para ser introduzido nesta dialética, algo deve ser amputado desta relação natural, deve ser sacrificado. Com que finalidade? Precisamente para que isso se torne o elemento significante desta introdução da demanda.

Mas algo é bastante, ao mesmo tempo, eu não diria surpreendente, mas vai nos mostrar o retorno desta necessidade observada que acabei de dizer com toda a brutalidade que esta ressalva sociológica fundada sobre tudo aquilo que sabemos, mais recentemente articulada sobre a necessidade para uma parte, a metade da humanidade de se tornar o significante da troca. É assim que Lévi-Strauss articula nas estruturas elementares, aquilo por que as mulheres, pelas leis diversamente estruturadas nas estruturas elementares, certamente muito

12 de março de 1958

mais simplesmente estruturadas, mas trazendo efeitos muito mais complexos nas estruturas complexas do parentesco.

O que observamos na dialética da entrada da criança neste sistema do significante, é, de alguma forma, o anverso desta passagem da mulher como tal, como objeto significante, naquilo que podemos chamar, com aspas, de *a dialética social*, pois, evidentemente, o termo social deve ser colocado aqui com toda a ênfase que o mostra dependente, justamente, da estrutura significante e combinatória. O que vemos no reverso é este resultado que, para que a criança entre nesta dialética significante, o que é que observamos? Precisamente isto: não há nenhum outro desejo do qual ela dependa mais estritamente e mais diretamente do que do desejo de quê? Da mulher, na medida em que ela está significada precisamente pelo que lhe falta, pelo falo.

O que lhes mostrei, é que tudo quanto encontramos como tropeço, como acidente na evolução da criança, e isto até o mais radical destas topadas e destes acidentes, está ligado a isto, que a criança não está sozinha face à mãe, mas face à mãe e a algo que é justamente o significante deste desejo, a saber, o falo. Estamos aqui diante de algo que será o objeto de minha próxima lição. É isto: de duas coisas uma: ou a criança entra na dialética, isto é, que ela mesma se faz objeto nesta corrente das trocas, isto é, num dado momento renuncia a seu pai e a sua mãe, isto é, aos objetos primitivos de seu desejo, mas é em toda a medida em que ela guarda estes objetos, isto é, onde ela mantém este algo que para ela é muito mais que seu valor, pois justamente o valor é aquilo que pode se trocar e existe, a partir do momento em que ela os reduz a puros significantes, mas em toda a medida em que ela estima estes objetos na qualidade de objetos de seu desejo, é aqui sempre na medida em que o apego edipiano é conservado, isto é, onde o complexo de Édipo, onde a relação infantil aos objetos parentais não passa, é na medida em que ela não passa, e estritamente nesta medida que vemos acontecer o quê? Sob uma forma muito geral, digamos, estas inversões ou estas perversões do desejo mostram que no interior da relação imaginária aos objetos edipianos, não há normatização possível, não há normatização possível precisamente nisto, que há sempre inteira em relação mesmo à relação mais primitiva, à relação da criança à mãe, este falo na condição de objeto do desejo da mãe, isto é, o que coloca a criança com esta espécie de barreira intransponível à satisfação de seu próprio desejo que é, ele sim, de ser o desejo exclusivo da mãe.

É o que a incita pois, a uma série de soluções que serão sempre de redução ou de identificação desta tríade, pelo fato de que é preciso que a mãe seja fálica, ou que o falo seja posto no lugar da própria mãe - é o fetichismo, ou que ela mesma reuna em si de certa forma de maneira íntima, esta junção do falo e da mãe, sem a qual nada para ele pode ser satisfeito - é o *transvestismo*. Resumindo, é precisamente na medida em que a criança, isto é, o ser na medida em que entra com necessidades naturais nesta dialética, não renuncia a seu objeto, que seu desejo não consegue se satisfazer e só consegue se satisfazer renunciando parcialmente, o que é essencialmente o que articulei primeiro, dizendo que ele deve se tornar demanda, isto é, desejo na qualidade de significado, significado pela intervenção e existência do significante, isto é, em parte, desejo alienado.